C. W. GORTNER

— Do mesmo autor dos aclamados —
JURAMENTO DA RAINHA e O SEGREDO DOS TUDOR

Paixão, adultério e lutas pelo poder na corte de uma das rainhas mais difamadas da História.

Confissões de Catarina de Médicis

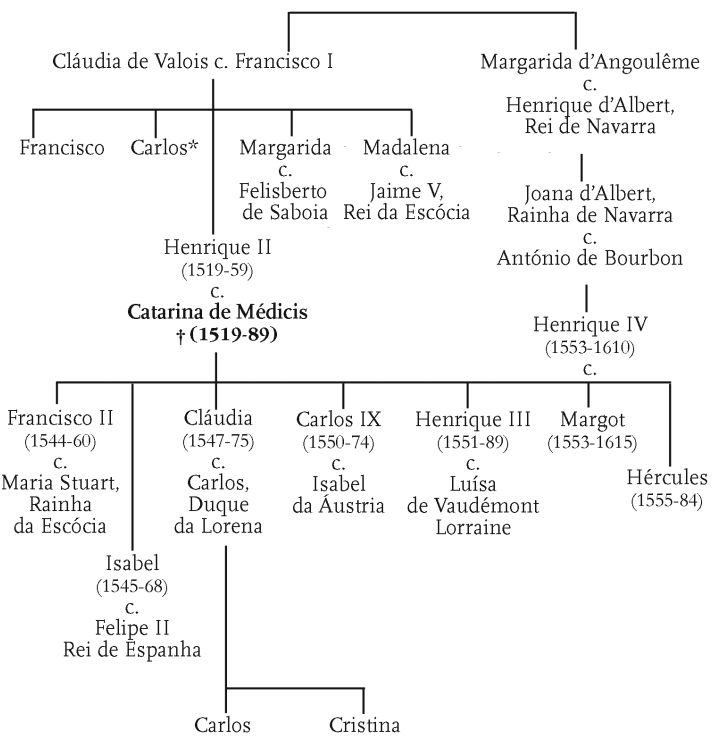
TOP SELLER

Para Erik, que me recorda constantemente que há mais na vida; e para Jennifer, que sempre me faz rir.

Oh, garrafa, cujo fundo misterioso
dez mil segredos guarda, zeloso,
O meu ouvido atento neles prendes;
Que minha mente sossegues, o destino me desvendes.

Rabelais

Os Valois



* não mencionado no livro
† indica apenas os filhos sobreviventes

Calais
Canal
Países Baixos
Alemanha
Rouen
Ruão
St Denis
Rheims
Oceano Atlântico
St Germain
Paris
Vincennes
Fontainebleau
Sacro Império Romano
VALE DO LOIRE
Orléans
Blois
Chambord
Vassy
Amboise
Chaumont
Joinville
Chenonceau
CHER
La Rochelle
Baía de Biscaia
Chatelheuralt
Confederação Suíça
França
Lyons
Ducado de Saboia
Itália
Bayonne
Nerac
Navarra
Espanha
PIRENEUS
Marselha
Madrid
Mar Mediterrâneo
mapa não está à escala

BLOIS, 1589

Não sou uma mulher sentimental.

Nem na minha juventude fui dada à melancolia ou ao remorso. Raramente olhei para trás, tal como raramente parei para contemplar a passagem do tempo. Alguns diriam que desconheço o significado da palavra «arrependimento». Com efeito, acreditando nos meus inimigos, os meus olhos imperturbáveis olham sempre em frente, fixos no futuro, na próxima batalha a travar, no próximo filho a glorificar, no próximo inimigo a derrotar.

Quão mal me conhecem. Quão mal me conhecem todos. Talvez o meu destino tenha sido sempre habitar sozinha o mito da minha vida; ser testemunha da lenda que despontou à minha volta como uma planta venenosa. Já me chamaram assassina e oportunista, salvadora e vítima. E, pelo caminho, acabei por me tornar muito mais do que alguma vez esperaram de mim, mesmo tendo a solidão como companheira constante, qual cão fiel seguindo os meus passos.

A verdade é que nenhum de nós é inocente.

Todos temos pecados a confessar.

PARTE I

1527–1532

A Flor Delicada

UM

Eu tinha dez anos quando descobri que talvez fosse bruxa.

Estava sentada a coser, na companhia da minha tia Clarisse, e o sol espalhava-se pelo chão da galeria. No exterior, ouvia o chapinhar da fonte do pátio, os pregões dos vendedores na Via Larga e o bater cadenciado dos cascos dos cavalos no empedrado das ruas, e pela centésima vez pensei que não aguentaria nem mais um minuto dentro de portas.

— Catarina Romelo de Médicis, já terminou?

Levantei a cabeça. Clarisse de Médicis e Strozzi, a irmã do meu falecido pai, olhava-me do alto do seu cadeirão.

— Está muito calor aqui. Dá-me licença que vá lá para fora?

A minha tia arqueou as sobrancelhas e eu poderia ter recitado de cor as palavras com que me respondeu, mesmo antes de ela ter aberto a boca, tantas foram as vezes que as martelou na minha cabeça:

— A menina é a Duquesa de Urbino, filha de Lourenço de Médicis e da esposa, Madalena de la Tour, dama de sangue nobre francês! Quantas vezes preciso de lhe repetir que tem de controlar os seus impulsos para se preparar para o seu futuro?

Eu não queria saber do futuro; apenas me interessava que era verão e ali estava eu, fechada no *palazzo* da família, obrigada a bordar e a estudar durante todo o dia, como se corresse o risco de derreter ao sol.

— Isto é muito aborrecido. Quero ir para casa. — Pousei o bastidor com um ruído seco.

— Florença é agora a sua casa; é a cidade onde nasceu — respondeu ela. — Trouxe-a de Roma porque a menina foi acometida pela febre. Tem muita sorte por poder estar aqui a contrariar-me!

— Já não estou doente — retorqui. Eu detestava quando a minha tia usava a fragilidade da minha saúde como desculpa. — Ao menos em Roma

o Papa Clemente deixava-me ter os meus próprios criados e até um pónei para eu montar.

Ela olhou-me, sem o menor vestígio da ira que as menções ao meu tio papal lhe provocavam sempre.

— Pode ser, mas agora está aqui, ao meu cuidado, portanto respeitará as minhas regras. Estamos a meio da tarde. Está fora de questão sair com este calor.

— Usarei uma touca e não sairei da sombra. Por favor, *Zia* Clarisse. Pode vir comigo.

Percebi que ela tentava conter um sorriso involuntário quando se levantou.

— Se o seu lavor for satisfatório, poderemos passear um pouco pela galeria, antes da ceia. — Aproximou-se de mim, uma mulher magra que envergava um vestido cinzento simples. Tinha o rosto oval, agraciado por uns olhos grandes, de um negro líquido. Sim, eram os olhos dos Médicis, que também eu herdara, juntamente com o cabelo encaracolado e castanho-avermelhado que era comum na nossa família, bem como os dedos das mãos longos e finos.

Ela levantou o meu bordado do chão. Apertou os lábios ao ouvir o meu risinho.

— Imagino que ache graça a bordar o rosto da Santa Madre de verde? Francamente, Catarina; que sacrilégio. — Atirou-me o bastidor. — Corrija isso imediatamente. Os bordados são uma arte que deve dominar, bem como os seus outros estudos. Não quero ouvir dizer que Catarina de Médicis borda como uma camponesa.

Pareceu-me melhor abster-me de rir e remover a cor ofensiva, enquanto a minha tia regressava ao seu cadeirão. O seu olhar perdeu-se no horizonte. Perguntei-me que novas provações estaria a planear para mim. Adorava-a, mas ela queixava-se constantemente da perda do prestígio da nossa família desde o falecimento do meu bisavô Lourenço, cognominado *o Magnífico*, e estava sempre a dizer que Florença já fora um importante centro cultural conhecido pelo patrocínio da família Médicis, e que agora não passávamos de «visitantes» ilustres na cidade que ajudáramos a construir. Segundo ela, cabia-me a responsabilidade de restaurar a glória da nossa família, uma vez que era a última descendente legítima da linhagem d'*o Magnífico*.

Perguntava-me como esperaria que eu cumprisse uma missão de tal envergadura. Ficara órfã pouco depois de nascer; não tinha irmãos nem irmãs e dependia da boa vontade do meu tio papa. Certa vez, depois de eu lhe dizer isto, a minha tia exasperou-se comigo:

— Clemente VII é um bastardo! Conseguiu ascender à Santa Sé por meio de subornos, para nossa grande vergonha! Não é um verdadeiro Médicis. É um homem sem honra.

Se, com todo o seu prestígio, ele não conseguia reabilitar o nome da família, não sabia como ela esperava que *eu* o fizesse. Porém, parecia convencida da grandiosidade do meu destino e todos os meses me obrigava a envergar as minhas vestes ducais para posar para um novo retrato, que, em seguida, era copiado em miniatura e enviado a todos os príncipes estrangeiros que pretendiam desposar-me. Eu ainda era demasiado jovem para o matrimónio, mas a minha tia já deixara bem claro que escolhera a catedral em que a cerimónia seria celebrada, a quantidade de damas de honor...

Subitamente, senti uma dor aguda no estômago. Perante aquela dor inesperada, levei as mãos à barriga. Tudo à minha volta assumiu contornos distorcidos, como se todo o *palazzo* tivesse ficado repentinamente submerso. A náusea trouxe-me um sabor amargo à boca. Levantei-me às cegas e ouvi a minha cadeira tombar. Uma escuridão aterradora apoderou-se de mim. Senti a minha boca abrir-se, num grito surdo, enquanto a escuridão alastrava como uma enorme mancha de tinta, engolindo tudo ao meu redor. Eu já não estava na galeria, a discutir com a minha tia. Em vez disso, via-me agora num lugar desolado, impotente perante a força que parecia crescer dentro de mim...

Ali estou, oculta e só, entre estranhos. Choram. Vejo lágrimas escorrendo-lhes pelas faces, mas não ouço os seus lamentos. Diante de mim está uma cama com um dossel de cortinas negras. Percebo imediatamente que algo horrível jaz sobre ela, algo que eu não devia ver. Tento permanecer onde estou, mas os meus pés aproximam-me da cama, lenta mas inexoravelmente, como num pesadelo, obrigando-me a estender uma mão manchada e inchada, que não reconheço como minha, mas que abre as cortinas e revela...

— *Dio Mio,* não! — exclamei, num grito que irrompeu do fundo de mim. Senti a minha tia abraçar-me, acariciando-me freneticamente a fronte. Sentia uma dor terrível no estômago e deitei-me no chão, com o bordado e os fios enredados espalhados pelo chão, ao meu lado.

— Catarina, minha querida — gemeu a minha tia. — Por favor, a febre de novo não...

Quando a estranha sensação de ter saído do meu próprio corpo começou a desvanecer-se, sentei-me com esforço.

— Não creio que seja a febre — respondi. — Vi uma coisa: um homem que jazia morto numa cama. Pareceu-me tão real, *Zia*... Assustou-me.

Ela fitou-me. Depois sussurrou «Una visione» como se fosse algo que há muito temia. Lançou-me um sorriso frágil e ajudou-me a levantar.

— Venha, chega de bordados por hoje. Vamos dar um passeio, *si*? Amanhã falaremos com o mestre. Ele saberá o que fazer.

DOIS

A minha criada acordou-me antes do amanhecer. Depois de um pequeno-almoço de pão e queijo que devorei, pôs-me um vestido simples, prendeu-me os volumosos caracóis castanho-avermelhados com uma fita e pôs-me uma capa com capuz sobre os ombros. Em seguida, conduziu-me apressadamente ao pátio, onde me aguardavam já a minha tia Clarisse e um criado corpulento que a acompanhava nas suas saídas.

Estava entusiasmada por ir finalmente à cidade, mas esperava que nos deslocássemos numa liteira fechada. Em vez disso, a minha tia cobriu a cabeça com o capuz da sua capa, pegou-me na mão e levou-me para a Via Larga, para lá dos portões, com o criado a acompanhar-nos a curta distância.

— Porque vamos a pé? — perguntei-lhe, apesar de me parecer muito mais divertido ver a cidade daquela forma, em vez de ter de espreitar por entre as cortinas da liteira.

— Vamos a pé porque não quero que ninguém saiba quem somos — respondeu-me ela. — Somos Médicis e as pessoas farão comentários se nos virem. Não quero que toda a gente em Florença venha comentar que *Madama* Strozzi levou a sobrinha a um vidente. — A mão dela apertou a minha. — Compreende? Ruggieri pode ser muito procurado pelos seus talentos, mas não deixa de ser um judeu convertido.

Assenti com a cabeça, algo confusa. Eu sabia que a minha tia mandava muitas vezes criados ao mestre com pedidos para que preparasse mezinhas; até ajudara a curar-me da febre, mas naquele momento apercebi-me de que nunca o vira pessoalmente. Será que não podia visitar-nos por ser judeu?

Continuámos a caminhar pela Via Larga. Desde a minha chegada a Florença, três anos antes, eu saíra do *palazzo* precisamente quatro vezes, sempre em visitas formais ao *duomo*, a igreja matriz, e sempre protegida pelo nosso séquito, que também me obstruía a vista, como se o facto de me misturar com

a população constituísse um perigo para a minha saúde. Agora, levada à cidade pela minha tia, senti-me como se tivesse sido libertada do cativeiro.

O Sol nascente cobria a cidade de tons cor-de-rosa e amarelo-açafrão. Nas zonas residenciais em torno do *palazzo* ainda se sentia no ar o odor da diversão noturna. Ziguezagueámos por ruas estreitas, contornando poças de detritos. Eu queria parar para admirar as estátuas abrigadas nos nichos que ia encontrando pelo caminho, para me maravilhar com os brasões gravados em cobre do batistério e com a fachada de tijolo do *duomo*, mas a minha tia empurrava-me constantemente para a frente, evitando o bulício do mercado e optando pelas ruas secundárias, onde casas velhas se inclinavam como árvores decrépitas, tapando a luz.

Vi o criado levar a mão à faca embainhada que tinha à cintura. Aquela rua era muito mais escura do que as outras, e o fedor a lixo empestava o ar. Mantive-me perto da minha tia quando vi crianças muito magras descerem de ruas laterais, seguidas de perto por cães escanzelados. Algumas idosas curvadas, envoltas em xailes andrajosos, vieram à entrada das suas casas e viram-nos passar. Depois de percorrermos um labirinto de ruas, chegámos a uma casa de madeira de aspeto periclitante, que parecia ameaçar ruir a qualquer momento. A minha tia deteve-se e o criado bateu à porta inclinada. Esta abriu-se, revelando um rapaz magro, com o cabelo em desalinho e uns olhos castanhos ensonados. Assim que nos viu, fez uma vénia profunda.

— *Duchessina*, sou Carlo Ruggieri. O meu pai aguarda-a.

A minha tia pôs-me uma pequena bolsa de tecido na mão. Espantada, olhei para ela de relance.

— Vá — disse-me. — Deve conversar com o mestre sozinha. Pague-lhe quando ele terminar. — Empurrou-me para a frente ao perceber que eu hesitava. — Vá sem mais delongas. Não temos todo o dia.

Deduzi que Carlo fosse o filho mais velho do mestre, pois vi um rapaz mais novo espreitando-me por trás dele. Mostrei-lhe um sorriso hesitante e o menino aproximou-se de mim e estendeu a mãozinha suja para as minhas saias.

— Este é Cosimo, o meu irmão — disse Carlo. — Tem quatro anos e gosta de guloseimas.

— Eu também gosto — disse eu a Cosimo —, mas hoje não trago nenhuma comigo. — O rapaz pareceu gostar do som da minha voz e deu-me a mão, enquanto Carlo me conduzia ao interior obscuro da casa, onde se sentia um odor estranho e pungente. Olhei de relance para uma caveira amarelada que estava pousada sobre uma pilha de pergaminhos bolorentos, antes de o rapaz me conduzir por uma escada que rangia. O odor tornou-se mais intenso

e variado: consegui identificar cheiros a cânfora, a ervas e um odor agridoce que me lembrou a época da matança do porco, no outono.

— Papá! A Médicis está aqui! — ouvi Carlo gritar, e cheguei ao patamar da escada no momento em que ele abria uma porta estreita. — O meu pai quer falar consigo a sós — disse, dirigindo-se depois ao irmão: — Agora tens de a largar, Cosimo.

Cosimo largou-me a mão, fazendo beicinho, e eu endireitei os ombros ao entrar no escritório do mestre. A primeira coisa em que reparei foi a luz. Esta descia em colunas por um lanternim aberto no teto exposto, iluminando uma divisão não muito maior do que o meu quarto no *palazzo*. As paredes estavam forradas com prateleiras carregadas de livros e jarras de vidro que continham coisas escuras imersas em líquidos. Num dos cantos, um monte de almofadas rodeava uma mesa com tampo de latão. O elemento central daquele espaço era uma grande laje de mármore. Fiquei alarmada ao ver um cadáver em cima dela, semiocultado por um lençol.

De baixo do lençol espreitava um par de pés descalços. Estaquei. Subitamente, uma voz que parecia vinda de lado nenhum disse:

— Ah, menina, está aí! — Nesse momento, vi surgir o mestre, com a sua fisionomia esquelética enquadrada por uma barba grisalha. Trazia um avental manchado por cima da túnica negra. Fez-me sinal para que me aproximasse. — Quer espreitar?

Aproximei-me da laje. Tive de me pôr em bicos de pés para conseguir espreitar para cima da laje. Era o cadáver de uma mulher, com a cabeça rapada e o tronco aberto da garganta até à pélvis. Não se via sangue e o corpo não exalava maus cheiros, apenas o odor a ervas. Pensei que sentiria repugnância e medo, mas em vez disso dei por mim fascinada pelos pulmões mirrados e azulados, e pelo coração esvaziado de sangue, aninhado numa caixa torácica com as costelas partidas.

— O que está a fazer? — perguntei-lhe em voz baixa, como se receasse que a mulher me ouvisse.

Ele suspirou.

— Estou à procura da alma dela.

Franzi a testa.

— E é possível ver uma alma?

O sorriso abriu-lhe as rugas da cara.

— Precisa sempre de ver as coisas para acreditar nelas? — Pegou-me na mão e conduziu-me ao canto mais afastado e ao monte de almofadas. — Sente-se. Diga-me o que a traz aqui.

Eu ainda não estava bem segura do que devia dizer-lhe, mas a forma gentil como me olhou levou-me a dizer-lhe a verdade.

— Eu... eu vi algo ontem. Algo que me assustou.

— Foi um sonho?

— Não, eu estava acordada. — Fiz uma pausa e refleti. — Mas foi como um sonho, sim.

— Descreva-me o que viu.

Fiz o que ele me ordenou. Enquanto falava, tive novamente aquela sensação de desespero e a minha voz tremeu. Quando terminei, o mestre juntou as mãos.

— A pessoa que viu jazer na cama era alguém que conhecia? — Sorriu quando abanei a cabeça. — Estou a ver... Foi por isso que se assustou. Esperava ver um ente querido e, em vez disso, viu um desconhecido. Era um jovem marcado pela violência, não é verdade?

Senti um arrepio na espinha.

— Como sabe?

— Vejo-o em si. Oh, não tenha medo, menina. Não há motivo para temer, desde que compreenda que pouca gente acreditaria no que acaba de me contar. — Aproximou-se um pouco mais de mim. — O que lhe aconteceu ontem chama-se «pressentimento». Pode ser uma previsão do futuro ou um eco do passado. Os antigos acreditavam que era um dom dos deuses, e mostravam grande reverência para com aqueles que o dominavam. Mas nestes tempos de ignorância isso é, frequentemente, visto como um sinal de bruxaria.

Fitei-o.

— A minha tia disse-me que foi uma visão. É por isso que estou aqui? Terei sido amaldiçoada por forças malignas?

O mestre soltou uma gargalhada.

— Já presenciei muitos mistérios, mas ainda não descobri nenhuma prova da manifestação das maldições. — Tocou-me no queixo com o seu dedo nodoso. — A menina acha que é o mal encarnado?

— Não. Assisto à missa todos os dias e venero os nossos santos. Mas ocasionalmente tenho pensamentos maus.

— Todos os temos. Garanto-lhe que não tem qualquer maldição. Fiz a sua carta astral quando a menina ainda era bebé e não encontrei nenhuma influência maligna.

Este homem tinha feito a minha carta astral? A minha tia nunca me falara de tal coisa.

— Porque é que eu tive esta... esta visão? — quis saber.

— Só Deus conhece a resposta a essa pergunta, mas devo avisá-la de que a visão que teve ontem pode não ser a última. Para algumas pessoas, tais visões são comuns. Para outras, podem surgir apenas em alturas de perigo. E este é

um dom que corre na sua família. Diz-se que o senhor seu bisavô, *o Magnífico*, por vezes conseguia prever o futuro.

Aquela perspetiva não me agradava nada.

— E se eu não quiser este dom? — perguntei. — Ele desaparecerá?

Ele arqueou as sobrancelhas.

— O dom da presciência não pode ser repudiado. A menina não faz ideia de quantas pessoas entregariam as próprias almas a troco daquilo que agora renega tão prontamente.

— O senhor também tem este dom? — perguntei-lhe, entusiasmada com a noção de que possuía algo tão cobiçado.

Suspirando, o mestre olhou em redor, percorrendo toda a sala com o olhar.

— Se o tivesse, parece-lhe que precisaria de tudo isto? Não, *Duchessina*, apenas sei traçar as cartas astrais e interpretar nelas os caminhos dos homens. Mas as revelações das estrelas nem sempre são diretas e inequívocas. «Quod de futuris non est determinata omnino veritas»: No que se refere ao futuro, nada pode ser dado como certo.

Refleti por um longo momento, antes de dizer:

— Pode ficar com o meu dom, se o quiser.

Ele riu-se e deu-me uma palmadinha na mão.

— Minha querida, mesmo que mo pudesse dar, eu jamais conseguiria dominá-lo no pouco tempo de vida que me resta — respondeu ele, fazendo uma pausa em seguida. — Mas a menina pode.

Baixou o tom de voz.

— Já vivi e sofri muito. Quando a menina nasceu, os astros revelaram-me que viveria ainda mais do que eu. Portanto, também sofrerá. Contudo, não passará pelas provações que eu passei. Não sentirá a dor de passar a vida em busca de algo que lhe escapa. Cumprirá o seu destino. Pode não ser o destino que deseja, Catarina de Médicis, mas cumpri-lo-á.

Estendeu a mão para me fazer uma festa na cara, e eu abracei o seu corpo ossudo. Por momentos, pareceu ter a minha altura. Depois afastou-se.

— Honra-me com o seu afeto, *Duchessina*, e eu quero retribuir-lho com isto.

Levou a mão ao bolso, abriu a minha mão e depositou nela um pequeno frasco de vidro com uma fina corrente de prata pendendo da tampa. Era um frasquinho cheio de âmbar, que parecia uma lasca de vidro e cabia-me na palma da mão.

— Este frasco contém um líquido poderoso que só deve usar se não tiver outro recurso. Se for usado da forma errada e no momento errado, pode ser fatal para si... e para os outros.

— O que é?

Pareceu-me impossível que algo tão pequeno pudesse ser tão poderoso.

— Alguns chamar-lhe-iam «libertação». Outros diriam que é veneno.

Aquilo alarmou-me.

— Para que preciso eu de veneno?

— Esperemos que nunca precise dele. Não obstante, ofereço-lho. — Ficou em silêncio, com a cabeça inclinada. — Esconda o frasco e mantenha-o em segurança. A sua tia está a ficar impaciente. Tem de ir.

Tinham-me ensinado que era má educação recusar um presente, portanto pendurei o frasco ao pescoço e escondi-o por baixo da camisa.

— Espero que possamos ver-nos novamente, mestre — disse eu. Depois lembrei-me da bolsa e retirei-a do bolso da capa. — Isto é para si.

Ele pegou desinteressadamente na bolsa.

— Vá com Deus, *Duchessina*.

Eu estava a dirigir-me para a porta quando ele voltou a falar.

— Só mais uma coisa... — Parei e olhei por cima do ombro para onde ele se encontrava, envolto na penumbra. — Diga à *Madama* Strozzi que tem de se preparar para a manter a salvo — disse, num tom de presságio. — Diga-lhe que Roma cairá.

Assenti, desconfortável, e saí para o patamar da escada, onde Carlo me aguardava. Olhando para trás uma última vez, reparei que a luz tinha mudado. O mestre encontrava-se agora envolto na escuridão, porém, de alguma forma, soube que estava a sorrir.

Carlo acompanhou-me até à porta da rua, onde lhe agradeci e me preparei para me despedir. Cosimo começou a chorar.

— Não nos deixe! — Carlo teve de o agarrar, pois o menino tentou lançar-se sobre mim.

Sorri-lhe.

— Mas tenho de ir. Tenho de voltar para minha casa. Prometo regressar em breve.

— Não vai poder — respondeu ele, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces sujas. — Toda a gente vai morrer.

— Morrer? — Olhei para Carlo. — O que é que ele quer dizer com isto?

Carlo revirou os olhos.

— Ele está sempre a dizer coisas estranhas. Cosimo, para com isso! Estás a assustá-la.

Cosimo fitou-me com uma expressão desolada. Tive uma sensação súbita de vazio ao agachar-me para lhe dar um beijo na cara.

— Voltaremos a ver-nos em breve — disse, forçando um sorriso. — Porta-te bem e ouve o teu irmão.

A minha tia esperava-me exatamente no mesmo sítio onde eu a deixara. Quando o criado deixou o seu posto de vigia perto da casa e se aproximou, ela perguntou-me:

— Ele respondeu às suas perguntas?

— Creio que sim — disse, recordando o aviso do mestre: *Pouca gente acreditaria no que acaba de me contar.* E assim acrescentei: — Ele diz que estudo demasiado e que tive um desmaio.

Não sei de onde vieram estas palavras, mas foram obviamente as adequadas, pois a expressão da minha tia encheu-se de um alívio evidente por baixo do capuz.

— *Bene* — disse. Pegou-me na mão e olhou para mim. — Ele disse mais alguma coisa?

Repeti as últimas palavras confusas do mestre.

— Sabe o que ele quis dizer com isto? — perguntei.

Ela encolheu os ombros.

— Na maior parte das vezes, desconfio que nem ele sabe o que quer dizer. — Sem dizer mais nada, deu-me a mão e regressámos ao *palazzo*.

Enquanto caminhávamos, levei a outra mão ao corpete e apalpei o frasco que levava junto ao coração.

TRÊS

— Catarina, minha querida, acorde!

Abri os olhos e vi a minha aia debruçada sobre mim com uma vela na mão, a chama ondulante a projetar sombras enormes nas paredes.

— *Madama* Strozzi quer que vá ter com ela ao salão — disse-me ela. — Tem de se vestir depressa.

Assenti, deslizando para fora da cama e permitindo que ela me despisse a camisa de noite e me pusesse um vestido. Perguntei-me o que me quereria a minha tia, enquanto a aia me fazia as tranças à pressa. Ultimamente, vinha-se sentindo uma tensão palpável no *palazzo*, especialmente depois de eu ter contado à minha tia o que o mestre me dissera sobre a queda de Roma. Eu própria também começara a mudar. Desde a descoberta do meu misterioso dom, passei a questionar tudo. Embora não o tivesse percebido na altura, vejo agora que deixei de ser uma criança crédula. Tentei invocar várias vezes o dom, na esperança de ver o meu futuro, mas não tive quaisquer visões ou pressentimentos. Não fazia a menor ideia do quanto a minha vida mudaria em breve.

A minha aia corria o quarto de um lado para o outro, metendo as minhas escovas de cabo de prata, os xailes e os sapatos num saco de pano.

— Vamos a algum lado? — perguntei.

— A *madama* disse-me apenas para preparar as suas coisas — respondeu-me, abanando a cabeça. — É tudo o que sei. O criado dela está à sua espera lá fora.

— Nesse caso, não se esqueça do meu guarda-joias — disse eu, apontando para a caixa. Aquela pequena caixa de prata e marfim era a única coisa que me restava da minha mãe. Trouxera-a de França como parte do seu dote, e o forro de veludo vermelho ainda cheirava ligeiramente ao seu perfume de alfazema. Além disso, eu escondera o frasco que Ruggieri me dera no compartimento oculto do meu guarda-joias.

O *palazzo* estava mergulhado na escuridão e no silêncio, e eu conseguia ouvir o roçar das solas macias dos meus sapatos no chão de mármore, seguido pelo bater das botas do criado que me acompanhava ao salão. A minha tia aguardava-me rodeada de uma panóplia imensa de malas e arcas. Os quadros e as tapeçarias tinham sido removidos das paredes majestosas e a mobília de talha dourada estava amontoada nos cantos.

Senti o coração bater com força no meu peito. A minha tia abraçou-me, e fê-lo com tal força que o corpete se me enterrou nas costelas.

— A menina vai ter de ser corajosa — sussurrou-me. — Mais corajosa do que nunca. Chegou o momento de mostrar ao mundo que é uma verdadeira Médicis, nascida e criada!

Fiquei petrificada. O que teria acontecido? Porque estaria a dizer-me aquilo?

— A menina não pode compreender — prosseguiu, com a voz entrecortada, sufocada pelas lágrimas raríssimas —, mas não me resta outra escolha. Eles ordenaram isto. A *Signoria* de Florença baniu-nos.

Eu sabia que a *Signoria* era a entidade que governava Florença e que os seus membros eram eleitos pelos cidadãos. Ao contrário de outras cidades de Itália, Florença era uma república e orgulhava-se muito disso. A *Signoria* sempre se mostrara benevolente para connosco. Jantavam frequentemente no *palazzo* com a minha tia e o seu marido, um grande grupo de cavalheiros mais velhos que comiam e bebiam demasiado, e estavam sempre a dizer-me que eu era muito bonita.

A minha tia continuou a falar, com um tom exaltado, como se se tivesse esquecido de que eu estava ali.

— Que vergonha! Expulsos da nossa própria cidade, como ladrões na calada da noite. Eu sempre disse que o Clemente seria a nossa desgraça! Foi ele quem infligiu tudo isto a si próprio. Não me interessa minimamente o que lhe acontecerá, mas a menina, minha querida Catarina, não tem de pagar pelos crimes daquele homem.

— Crimes? — repeti. — Mas o que fez o Papa Clemente?

— Não! Jamais lhe chame isso! Toda a gente o odeia por causa da sua predisposição para fazer todo o possível para salvar a própria pele! Não percebe? Ele fugiu da própria Santa Sé, precisamente na altura em que Roma era saqueada por Carlos V. A menina não deve deixar que ninguém pense que se preocupa com aquele cobarde que se atreve a chamar-se papa.

Fitei-a. Teria enlouquecido? Carlos V pertencia à família dos Habsburgo e era o imperador da Alemanha, da Áustria, da Espanha e dos Países Baixos. Era um defensor confesso da verdadeira fé, embora me lembre de ter ouvido

o meu tio dizer, certa vez, que o imperador era também sovina e cruel, uma pessoa faminta de conquistas e sempre a protestar contra os astutos franceses ou os heréticos ingleses. Ainda assim, cingia a coroa de Imperador do Sacro Império Romano, abençoado com o beneplácito papal, e eu não acreditava que se atrevesse a invadir Roma.

A minha tia prosseguiu, com a voz entrecortada.

— Clemente devia ter acatado as exigências do imperador e fornecido o dinheiro necessário para financiar o exército imperial. Em vez disso, preferiu manter o seu orgulho idiota e apoiar os franceses, apesar de ter os soldados a baterem-lhe à porta. — Agitou os punhos. — Agora, a Cidade Santa encontra-se em chamas e Florença revolta-se contra nós. Aquele homem causou a perdição de todos nós!

Voltou-se novamente para mim. O seu silêncio repentino foi pior do que tudo o que me tinha dito até então.

— A menina avisou-me — sussurrou. — Disse-me que o mestre havia previsto tudo isto. Ele disse: «Roma cairá.» Mas tal como Clemente, também eu fui demasiado obstinada para lhe dar ouvidos.

Desejei fugir pela escadaria acima e voltar a recolher-me nos meus aposentos, mas o olhar fixo da minha tia paralisou-me no sítio onde me encontrava.

— A *Signoria* prometeu-nos que nenhum mal lhe acontecerá, mas a menina terá de lhes obedecer, Catarina. Terá de fazer tudo o que lhe disserem.

Uma onda de medo gélido e negro apoderou-se de mim. Só me apercebi de que o seu criado se tinha aproximado quando ele pousou a mão enorme sobre o meu ombro. De repente, percebi tudo. Aquilo não podia estar a acontecer. A minha tia vira-me nascer e estivera presente quando os meus pais faleceram. Deixara-me ir para Roma por não ter outra opção, mas fora buscar-me para me trazer de volta a Florença e educar-me. Apesar de me desagradar a disciplina férrea que me impunha, nunca duvidei do seu amor por mim. Ela não podia estar a fazer-me aquilo. Não podia estar a abandonar-me.

Soltei um grito estridente. O criado pôs-me a mão na boca e senti o cheiro da sua pele áspera quando me ergueu no ar. Tomada de uma raiva repentina, tentei mordê-lo. Esperneei e esbracejei enquanto os seus braços me agarravam com uma força hercúlea. A minha tia chorou.

— Por favor, minha querida, é para o seu próprio bem. Temos de a proteger!

O desespero na voz dela levou-me a resistir com todas as minhas forças, desferindo um pontapé na ilharga do criado quando ele me pôs ao ombro. Depois disso, ele dirigiu-se ao pátio com determinação. Senti o meu estômago revolver-se. Dei vários murros nas costas graníticas do criado quando saímos para o pátio, ainda mergulhado na escuridão com a sua adorável fonte ao centro,

adornada pela estátua de bronze do vaidoso *David*, com o seu chapéu ridículo. O criado prosseguiu a sua caminhada em direção ao portão principal do *palazzo*.

Para lá dos portões, na rua, ouvi uma grande gritaria, como se saíssem demónios das pedras da calçada. Um homem que envergava uma capa com capuz saiu da escuridão, perto dos portões, e disse:

— Dá-ma. — Debati-me e gritei quando o criado me entregou ao homem. Aquele estranho cheirava a um misto de fuligem e almíscar. Quando me montou num cavalo castanho, fitei os seus olhos negros. Era jovem e atraente. Sussurrou: — Sou Aldobrindi, Secretário da *Signoria*. Não faça barulho, *Duchessina*, pela nossa saúde.

Ouvi os portões abrirem-se e imaginei demónios à espera, com forquilhas nas mãos. O homem subiu para a garupa do cavalo e colocou algo escuro sobre a minha cabeça: era uma capa, para me esconder.

Em seguida, saímos para a rua. Embora não conseguisse ver a multidão que enchia a Via Larga, ouvi as suas ensurdecedoras palavras de ordem: «Morte aos Médicis! Morte aos tiranos!»

Um chicote estalou e o cavalo empinou-se, agitado. Aldobrindi rosnou:

— Abram alas, canalha! Sou membro da *Signoria*! — Houve um momento de silêncio aterrador. Encolhi-me contra o homem que me levava, tentando parecer o mais pequena possível, aterrorizada com a possibilidade de ser descoberta, arrancada da sela do cavalo e esquartejada.

Depois retomámos a nossa marcha. O cavalo parecia atravessar a cidade em bicos de pés, enquanto os gritos e o fumo se apoderavam do ar. Espreitando por uma abertura na capa, vi o tremeluzir oleoso das tochas erguidas por vultos que corriam e que desfilavam diante dos meus olhos como um enorme borrão. Ouvi choros e gritos. Tentei manter a calma, mas quanto mais cavalgávamos, mais o meu medo crescia. Não fazia ideia para onde me levava aquele homem nem do que me aconteceria quando chegássemos.

Quando parámos diante de um portão embutido num imponente muro de tijolo, a exaustão quase me fez cair do cavalo. O estranho fez-me descer. Eu não sentia as pernas quando Aldobrindi me conduziu ao claustro austero do outro lado do portão. Aquele espaço era iluminado apenas por uma tocha, que projetava um clarão lúgubre sobre as pilastras e um poço meio destruído no centro do claustro.

Um vulto envolto num hábito negro aproximou-se.

— Sejam bem-vindos ao Convento de Santa Luzia.

Abafei um grito enquanto fitava Aldobrindi, horrorizada. Aquela era a casa das irmãs de Savonarola, devotas do profeta louco que pregara contra

os Médicis e fora condenado à fogueira pelo meu bisavô. O Convento de Santa Luzia era o mais pobre de Florença, e permanecia um testemunho do ódio persistente que as freiras sentiam pela minha família, pois jamais desfrutariam da nossa generosidade. A minha tia não podia ter sabido que eu seria levada para aquele lugar, pois se assim fosse teria combatido essa intenção até à morte.

— Não pode deixar-me aqui — disse, com uma voz que parecia desmoronar-se. Mas Aldobrindi fez-me uma vénia e retirou-se, deixando-me à mercê daquela freira, que me agarrou pelo braço.

— Chegou o teu fim — sibilou ela. — O papa, teu tio, esconde-se como um cobarde na sua cidadela de Orvieto enquanto os lobos do imperador correm livremente por Roma. Eis o que nos trouxe a soberba da tua família: a ira de Deus! Mas desta vez não escaparão. Aqui, pagarás pelos pecados dos Médicis!

Fitei a sua cara desconhecida, deformada pelo ódio, com o olhar vazio isento de piedade, e percebi que ela não me podia ver de todo. As lágrimas queimavam-me os olhos quando ela me arrastou, passando por uma fileira espetral de freiras que nos observavam, imóveis, do pórtico, e percorrendo um corredor bafiento até uma cela desprovida de janelas. Naquela cela, esperava-me outra freira.

A porta fechou-se com estrondo. Com uma eficiência gélida, a freira despiu-me, deixando-me nua e a tremer de frio. Tirou algo do bolso do hábito e eu encolhi-me ao ver o brilho das lâminas de uma tesoura.

— Se resistires, será pior para ti — disse.

As lágrimas escorreram-me pela cara quando ela me pegou na trança e a cortou. Ainda preso com a fita cor-de-rosa, o meu cabelo castanho-avermelhado caiu-me aos pés. Um grito queimava-me a garganta. Engoli-o, tremendo como se estivesse descalça na neve, recusando-me a mostrar-me humilhada enquanto aquela freira me rapava o cabelo até às raízes.

Quando terminou, atirou um manto de lã áspera por cima das minhas costas arrepiadas e estendeu-me uma vassoura velha.

— Varre o chão! — ordenou-me, ficando a observar-me enquanto eu juntava os caracóis lustrosos num monte. Quando terminei, ela fitou-me. O seu olhar parecia um campo no inverno, uma terra vazia de vida.

Sem dizer uma palavra, trancou a porta e deixou-me sozinha na escuridão, acompanhada apenas do cheiro a bolor e do arranhar dos ratos nas paredes, com alguns restos dos cabelos cortados ainda aos meus pés.

Naquela noite, chorei até adormecer.

Durante várias semanas, fui levada todos os dias para a capela gelada, onde me obrigavam a permanecer ajoelhada no chão de pedra fria durante

horas, até ficar com os joelhos em sangue. Tinha de respeitar as suas regras até ao mais ínfimo detalhe. Não me era permitido falar e tinha direito a uma refeição aguada por dia, seguida de orações intermináveis, ditadas pelo ressoar de um sino. Só ficava sozinha à noite, quando me sentava na minha cela a ouvir o troar longínquo dos canhões. Não sabia o que se passava para lá daquelas paredes, mas ouvia o eco de lamentos vindos da rua e via a cinza a cair do céu saturado de fumo sobre a mísera horta do convento, soterrando-a.

Certa noite, uma das freiras aproximou a boca da porta da minha cela e disse, com um prazer sádico:

— Os franceses trouxeram consigo a peste. O seu tio contratou estrangeiros doentes para pôr Florença de joelhos, mas não conseguirá. Preferimos morrer a permitir que os Médicis voltem a governar a nossa cidade.

As freiras redobraram as orações, mas o seu esforço foi em vão pois quatro delas adoeceram e acabaram por morrer, asfixiadas pelo vómito e cobertas pelas chagas da peste. Abri mão de toda a minha dignidade ao implorar-lhes que me deixassem sair dali, para as ruas, se fosse preciso, como uma cadela vadia. No entanto, as freiras limitaram-se a olhar para mim como se eu fosse um animal que preparavam para a matança.

Comecei a imaginar a minha morte. Durante o que me pareceu uma eternidade, preparei-me para ela. Independentemente da forma como viesse a morrer, decidi ser corajosa. Não deveria mostrar medo, pois era uma Médicis.

Após nove longos meses de cerco, com as magníficas fortificações da cidade reduzidas a escombros e o povo a morrer de fome, a *Signoria* não teve opção senão render-se.

O exército financiado pelo meu tio invadiu a cidade.

As freiras entraram em pânico. Mudaram-me para uma sala espaçosa e trouxeram-me queijo e carne seca da cave, onde tinham escondido os melhores mantimentos. Disseram-me então que se tinham limitado a seguir as ordens da *Signoria* e que nunca tiveram a intenção de me fazer mal. Fitei-as com um ar apático. Tinha a cabeça coberta de piolhos, as minhas gengivas sangravam e o meu corpo parecia um esqueleto. Estava tão farta de esperar pela morte que já nem tinha forças para as odiar.

Alguns dias depois, chegou Aldobrindi. Por essa altura, já eu tinha comido o suficiente para poder recebê-lo sem desmaiar. Envergava o mesmo vestido com que saíra do *palazzo* na noite em que ele me tirou de lá. A sua expressão de espanto traiu-o. Eu devia parecer um esqueleto dentro de uma peça de roupa infantil de damasco, e ele deixou-se cair de joelhos, implorando o meu perdão. Quase nem ouvi os seus pedidos de desculpas piegas. Quando terminou

a sua ladainha, assegurando-me que eu seria libertada e enviada para Roma, limitei-me a perguntar-lhe, calmamente:

— Onde está a minha tia?

Fez-se um silêncio pesado antes de ele me responder.

— *Madama* Strozzi teve de deixar a cidade, mas mesmo no exílio nunca deixou de lutar por si. Contraiu as febres e... — Levou a mão ao gibão para retirar um envelope lacrado, que me entregou. — Deixou-lhe isto.

Não olhei para a carta. Fechei-a na mão e senti, através do papel, a presença invisível da mulher que fora uma parte tão importante do meu mundo que me era impossível conceber a sua morte. Não chorei. Não consegui. A minha dor era demasiado profunda.

Nesse mesmo dia, saí de Santa Luzia com destino a Roma. Não sabia o que me esperava.

Sabia apenas que tinha 11 anos, que a minha tia tinha falecido e que a minha vida não me pertencia.

QUATRO

A cidade que eu deixava para trás ficara reduzida a ruínas: a cidade a que regressava estava irreconhecível. A minha escolta avisara-me de que Roma fora bastante afetada pelo cerco imperial, mas enquanto transpúnhamos os montes para chegarmos ao Vale do Tibre, não pude acreditar no que os meus olhos viam. Tinha memórias fugazes do pouco tempo que passara a respirar o ar húmido daqueles pauis e entre os *palazzos* da Cidade Eterna; era o suficiente para me fazer desejar não me recordar de nada.

Uma coluna de fumo erguia-se naquela paisagem devastada; quando entrámos na cidade, vi homens de olhar vazio e algumas mulheres arrasadas, sentadas, cabisbaixas, entre estruturas carbonizadas que foram em tempos casas, rodeadas do que restava de heranças de família saqueadas e de relíquias espezinhadas. Vi também um grupo de crianças com as roupas esfarrapadas. Estavam em silêncio, imóveis, como se não soubessem onde pertenciam. Senti um aperto no estômago quando percebi que eram agora órfãs, como eu, com a diferença de que elas não tinham para onde ir. À exceção das mulas, usadas para remover os escombros, não vi animais, nem mesmo os habitualmente omnipresentes gatos. Desviei o olhar dos cadáveres inchados, amontoados pelas ruas como carvão, e das poças de sangue coagulado, que tragavam o reflexo do céu enegrecido, e olhei para diante, a caminho do Palácio de Latrão, onde me tinham dito que ficaria alojada.

Os aposentos com vista para os jardins espezinhados já se encontravam a postos, bem como o pessoal doméstico, constituído por senhoras da nobreza, que aguardavam para me servir. Entre elas estava Lucrécia Calvacanti, uma rapariga loira com uns luminosos olhos azuis, esbelta e elegante, que me informou que Sua Santidade, o meu tio, ainda não regressara de Orvieto, mas deixara ordens para que eu fosse rodeada de todos os luxos.

Sorriu.

— Não é que tenhamos muito para oferecer. Os aposentos papais foram saqueados e todos os objetos de valor foram roubados, mas temos comida suficiente e devemos considerar-nos afortunadas! Faremos tudo o que pudermos por si, *Duchessina*, mas receio que os lençóis de seda estejam fora de questão por agora.

A rapariga tinha 15 anos, mas dirigia-se a mim como uma mulher adulta, que já não precisava de ser protegida das realidades do mundo. Agradou-me. Eu já não queria que me mimassem ou me mentissem.

Já nos meus aposentos, sentei-me na cama, vendo o Sol pôr-se para lá das colinas de Roma, cobertas de pinheiros. Depois, peguei na carta que a minha tia me escrevera. Eram apenas algumas linhas escritas com a caligrafia de uma mulher moribunda.

Minha querida, receio não voltar a vê-la nesta vida. Porém, jamais deixarei de a amar, e sei que Deus, na Sua infinita misericórdia, a protegerá. Jamais esqueça que é uma Médicis e que está destinada à grandeza! Catarina, a menina é a minha esperança! Nunca se esqueça disso.

Apertei a carta contra o peito, enrolei-me em cima da cama e passei as 11 horas seguintes a dormir. Quando acordei, vi Lucrécia sentada num banco ao meu lado.

— A senhora sofreu muito — disse ela, como quem constatava um facto —, mas agora tem de fazer como os animais, que vivem apenas o presente.

— Como posso eu fazer isso? — perguntei, com um tom sereno. — Ao contrário dos animais, eu sei o que o futuro pode trazer-nos.

— Terá de aprender. Minha senhora, quer isto nos agrade ou não, o presente é tudo o que temos. — Estendeu o braço para me tirar da mão a carta amarrotada. — Deixe-me arrumar isto — disse, ordenando a todas as outras mulheres que entrassem e rodeando-me de uma solicitude diligente. A poucos metros dali, Roma encontrava-se mergulhada em sangue, mas entre aquelas paredes, senti-me em segurança pela primeira vez em muito tempo.

E assim, já tinha recuperado quando o Papa Clemente chegou.

As chamas de um candelabro chamuscado projetavam uma luz fraca quando me aproximei do trono papal e me ajoelhei. O Papa Clemente fez-me sinal para que me erguesse. Quando o fiz e olhei para ele, tentei lembrar-me de como era a sua aparência, para determinar se sofrera alguma mudança. Fugira de Roma, vira-se forçado a assistir de longe à profanação da sua cidade pelas tropas imperiais. No entanto, aos meus olhos, parecia ter simplesmente voltado de um retiro no campo, pois as suas faces ossudas apresentavam-se coradas e os lábios grossos estavam enquadrados por uma barba grisalha. Não se

via uma única mancha nas dobras luxuriantes das suas vestes papais da cor do marfim. Quando olhei para os seus pés, verifiquei que trazia calçados sapatos de veludo bordados a ouro. Só quando fixei o olhar no dele é que me apercebi dos efeitos do seu exílio: os seus olhos verde-azulados e brilhantes tinham-se tornado também penetrantes e analisavam-me semicerrados. Percebi que não o conhecia de todo. Ele deve ter sentido o mesmo. Olhava-me como se eu fosse uma estranha, e o seu abraço foi frouxo, como que desprovido de sentimento.

— Hão de pagar — murmurou. — Todos hão de pagar: as freiras de Santa Luzia, os rebeldes florentinos, o traidor do Carlos V: hão de pagar pelo que fizeram!

Eu sabia que não era a mim que se dirigia; e quando lhe fiz outra vénia e recuei, vi os cardeais da sua cúria agrupados nos cantos da sala, observando-me como falcões.

Senti um arrepio. O que quer que estivessem a planear, não seria certamente agradável.

Passaram-se alguns meses sem que o Papa Clemente me chamasse à sua presença ou me visitasse; limitou-se a deixar-me ao cuidado das minhas aias. Demorei várias semanas a conseguir dormir uma noite inteira sem acordar sobressaltada, atormentada por pesadelos causados pelos duros meses que passara enclausurada em Santa Luzia. Agradou-me saber que as irmãs de Savonarola tinham sido destruídas com uma multa esmagadora e com a dissolução da sua ordem. No entanto, não fiquei tão agradada quando soube que o Papa Clemente tinha recusado a restauração dos direitos republicanos dos florentinos, colocando, em vez disso, um dos seus homens de confiança à frente dos destinos da cidade. Lucrécia falou-me sem rodeios:

— Sua Santidade há de manter Florença aos seus pés, e assegurar-se-á de que o Imperador Carlos V recebe o troco na mesma moeda.

Eu sabia que ela tinha razão, mas ainda era nova e contentava-me em manter-me afastada, passear pelos jardins, ler, tirar medidas para vestidos novos e comer e dormir à minha vontade.

Lucrécia ia-me mantendo informada dos acontecimentos na corte papal, que voltara a reunir-se mesmo antes de a fuligem e a sujidade resultantes da profanação terem sido removidas das paredes. Pouco tempo depois de eu ter completado 12 anos, ela informou-me de que chegara a Roma um novo enviado do rei Francisco I de França e disse-me que o Papa Clemente queria que eu o recebesse.

Fitei-a.

— O que devo fazer? Servir-lhe vinho?

Ela soltou uma gargalhada divertida.

— Claro que não! Deverá entretê-lo com uma dança francesa; Sua Santidade até já contratou um professor. Não podemos esquecer-nos de a preparar para amanhã, pois os seus dotes femininos têm sido gravemente negligenciados. Chegou a altura de fazermos de si uma dama da corte.

— Pareceu-me tê-la ouvido dizer que eu devia ser como os animais — resmunguei. Aquilo não estava a agradar-me nada, mas eu não tinha alternativa. E assim, passei as semanas seguintes a ser moída sem dó por um homem elegante e demasiado perfumado, que berrava e me dava estocadas com uma varinha, dizendo que uma égua tinha mais graciosidade nos quartos traseiros do que eu no corpo todo. Eu detestava dançar. Não havia nada que me aborrecesse mais do que as inúmeras vénias ridículas, as mãos ondulantes e os olhares recatados e tímidos.

Não obstante, aprendi o suficiente daquela dança para atuar perante o francês. Enquanto o meu tio permanecia refastelado no seu trono, corado do vinho, o embaixador observava-me com um sorriso enigmático, mirando-me de alto a baixo como se eu fosse uma peça de leilão.

Alguns dias mais tarde, tive as minhas primeiras regras. Enquanto me vergava, arquejante de dor, Lucrécia afirmou que aquilo era um sinal claro de que eu teria uma prole numerosa e saudável. Apesar do desconforto, fui observando, fascinada, as mudanças subtis que iam ocorrendo no meu corpo: o crescimento e o aumento da maciez dos meus seios, o subtil alargamento das minhas ancas e o brilho mais intenso da minha pele. Tudo isso pareceu ocorrer do dia para a noite.

— Ficarei bonita? — perguntei a Lucrécia enquanto ela me escovava o cabelo, que se tornara ainda mais volumoso e encaracolado do que antes. Lucrécia gostava de o adornar com toucas ornamentadas de pérolas e com fitas entrançadas.

Inclinou-se sobre o meu ombro, fitando o meu reflexo no espelho.

— A senhora *já é* bonita — declarou. — Os seus olhos negros e grandes conseguem cativar qualquer homem, e os seus lábios são suficientemente carnudos para despertarem os desejos até de um bispo! Não que tal coisa seja difícil, no caso dos bispos — acrescentou, com um piscar de olhos maldoso.

Soltei um risinho. Embora fosse apenas a minha principal dama de companhia, escolhida para supervisionar a minha criadagem e para me guiar, a verdade é que Lucrécia era como uma irmã para mim, e todos os dias me sentia grata pela sua presença. Com a sua ajuda, as marcas deixadas pelas minhas anteriores tribulações foram desaparecendo e acabei por me aperceber de que tinha voltado a interessar-me pelo que o futuro me reservava.

A resposta a esta questão não tardou a chegar. Certa tarde, Lucrécia veio aos meus aposentos para me informar de que o Papa Clemente mandara chamar-me. Não soube explicar-me porquê, apenas me disse que o meu tio desejava falar comigo em privado. E assim, dirigimo-nos ambas aos aposentos papais, percorrendo corredores com as paredes cobertas de lona e repletos de artesãos atarefados com a restauração dos frescos danificados pela ocupação.

Quando nos aproximávamos das majestosas portas douradas dos aposentos do meu tio, fui tomada por uma das manifestações do meu dom. Não se tratou de um mergulho incontrolável em alguma espécie de inferno, como me acontecera em Florença, mas da suave e quase impercetível sensação de um aviso que me levou a virar-me, nervosa, para Lucrécia. Ela lançou-me um sorriso encorajador.

— Lembre-se disto: independentemente do que o seu tio lhe diga, a senhora é mais importante para ele do que ele para si.

Entrei no espaçoso gabinete de talha dourada e ajoelhei-me. O meu tio descascava laranjas sentado à sua enorme secretária, e o odor doce daqueles frutos enchia todo o espaço, absorvendo os cheiros de perfume e o fumo das velas de cera de abelha. Fez-me sinal para que me aproximasse. Beijei-lhe a mão, adornada com o selo de São Pedro. Envergava as suas vestes brancas e ao pescoço usava um crucifixo cravejado de esmeraldas e rubis.

— Fui informado de que a menina já é uma senhora. — Suspirou. — Como o tempo passa. — A proteção de cabedal no tampo da secretária estava coberta de cascas; chupou um gomo enquanto me fazia sinal para que me sentasse num banco próximo. — Sente-se. Há muito que não passamos algum tempo juntos.

— Estive aqui há apenas um mês, por ocasião da visita do enviado francês — respondi, fazendo uma pausa. — Prefiro permanecer de pé, se Vossa Santidade não se importar. O vestido é novo e ainda algo desconfortável...

— Ah, mas tem de se habituar a essas coisas. Os vestidos adequados são da maior importância. Na corte francesa, essas coisas são consideradas *de rigueur*.

Pegou numa faca com joias incrustadas no cabo e cortou a laranja em gomos. O aroma que se desprendeu do fruto foi como a luz do Sol e fez-me crescer água na boca.

— A menina deveria saber estas coisas. Afinal, a sua mãe era francesa.

Por pouco não lhe respondi que nunca conhecera a minha mãe. Em vez disso, limitei-me a murmurar:

— É verdade, Vossa Santidade, para minha grande honra.

— Sem dúvida. E o que me responderia a menina se eu lhe dissesse que França a deseja?

O seu tom foi suave, o que me recordou os tempos em que eu era uma pequena criança e ele o meu tio dedicado. Contudo, não me deixei enganar; ele chamara-me ali com um objetivo em mente.

— Então? — perguntou bruscamente. — Não tem nada a dizer?

— Digo que fico muito honrada — respondi-lhe.

Ele soltou uma gargalhada.

— Fala como uma verdadeira Médicis. — Parecia um animal a exibir as presas. Senti os joelhos a fraquejarem-me sob o vestido. O olhar de Clemente deslizou na minha direção. — Aprendeu bem o valor de uma resposta neutra. Essa é uma competência que tornará o seu casamento muito menos frustrante.

Senti o sangue gelar-me nas veias. Pensei que devia ter ouvido mal.

— Está na altura de assumir o seu lugar no mundo — prosseguiu ele, mastigando a laranja e manchando a manga com o sumo pálido. — Na verdade, já está quase tudo providenciado. Oferecerei o ducado de Milão como parte do seu dote, assim que se conclua a cerimónia do matrimónio. — Ergueu o olhar. — Quem sabe se não virá a ser rainha de França um dia?

Senti um zunido terrível nos ouvidos. Ali estava, finalmente, a sua vingança. Eis o punhal que cravaria no peito de Carlos V: uma aliança com o rival do imperador, Francisco I de França, usando-me como moeda de troca. A minha união à casa real francesa sabotaria os esforços de Carlos V para dominar Itália e daria a Francisco o direito de reivindicar o há muito cobiçado ducado de Milão, naquela altura sob o domínio imperial.

— Mas o rei já é casado — consegui dizer —, com a própria irmã do imperador.

— É verdade. Mas o seu segundo filho, Henrique d'Orléans, é solteiro e poderá vir a herdar o trono de França. Sei de fonte fidedigna que o filho varão de Francisco, o delfim, está bastante doente.

Começou a descascar outra laranja, enterrando os dedos aracnídeos na casca do fruto.

— Espero que o seu silêncio não seja sinónimo de contrariedade — prosseguiu. — Não poupei despesas nem esforços para a fazer alcançar tal dignidade. A última coisa que quero é ter uma noiva contrariada em mãos.

O que podia eu responder? Ele tinha o direito de me enviar para onde quisesse. Eu nada podia fazer, excetuando suicidar-me, para me libertar daquela situação, e a perentoriedade daquela decisão endureceu-me a voz.

— Se é esse o seu desejo, terei o maior prazer em satisfazê-lo — respondi. — Posso pedir um favor em troca? Gostaria de regressar a Florença. É a minha cidade natal e... — hesitei, com a voz embargada — gostaria de me despedir.

O olhar dele tornou-se gélido.

— Muito bem — respondeu-me. — Se Roma já não lhe agrada, destacarei uma escolta para a acompanhar. — Estendeu-me a mão do anel. Enquanto o beijava, ouvi-o murmurar: — O amor é uma emoção traiçoeira. Viverá melhor sem ele. Nós, os Médicis, sempre vivemos melhor sem ele.

Recuei até à porta enquanto ele descascava mais uma laranja, com os cantos dos lábios revirados num sorriso complacente.

Voltei a Florença no pico quente do estio, acompanhada por uma escolta de guardas a cavalo e pelas minhas aias, incluindo Lucrécia e uma nova companheira, a minha anã, Anna-Maria, uma rapariga de 14 anos cujos membros diminutos não reduziam a beleza da sua farta cabeleira dourada, da sua expressão mordaz e do seu sorriso alegre. Simpatizei com ela logo que a conheci. O Papa Clemente percorrera Itália em busca de uma anã, pois insistia que eu devia ter a minha própria boba em França, mas eu decidira que não a humilharia com fatos cobertos de sinos. Em vez disso, atribuí-lhe a tarefa especial de tratar das minhas roupas, o que a elevou a uma posição bastante cobiçada entre as minhas aias.

Constatei que pouco mudara no *palazzo* da minha família. Florença ainda exibia feridas que levariam anos a sarar, mas a nossa casa permanecia intocada e silenciosa como um luxuoso túmulo. Instalei-me nos aposentos da minha querida e saudosa tia, onde os lençóis ainda tinham o seu cheiro e a escrivaninha embutida a alabastro ainda ostentava os seus utensílios de escrita, como se ela pudesse ali entrar a qualquer momento.

Foi ali que voltei a encontrar o meu guarda-joias de prata e marfim, numa gaveta, por baixo de algumas cartas por terminar. Peguei nele como se receasse que fugisse e percorri a tampa gravada com as pontas dos dedos. A minha tia escondera-o ali, entre as suas coisas. Compreendera que eu haveria de gostar de o reaver e previra o meu retorno.

Abri-o com um estalido e, debaixo de um pedaço do forro que levantei, localizei o compartimento secreto e o frasquinho que Ruggieri me dera, enrolado como uma cobra. Pendurei-o ao pescoço, peguei na caixa e permiti-me chorar a morte da minha tia.

O meu noivado foi celebrado na primavera. O papa Clemente tinha preparado um enxoval impressionante para exibir a fortuna dos Médicis, não hesitando mesmo em ir buscar as minhas joias ao seu tesouro pessoal, as quais incluíam sete pérolas cinzentas que se dizia terem pertencido a uma imperatriz bizantina e que agora adornavam a minha tiara ducal. Também mandou enviar o meu retrato para França.

Francisco I retribuiu a cortesia enviando-me um retrato do seu filho. O retrato chegou-me numa requintada caixa forrada a cetim. Quando Lucrécia a abriu e retirou a miniatura do seu interior, contemplei a figura do meu futuro marido pela primeira vez — uma expressão taciturna, as pálpebras papudas, os lábios comprimidos e o nariz comprido dos Valois. Não me despertou qualquer sentimento e, naquele momento, perguntei-me se o mesmo não estaria a suceder com ele em relação a mim. Que tipo de casamento poderiam vir a ter dois estranhos sem nada em comum?

— É bonito — comentou Lucrécia, com alívio. Olhou de relance para mim, sentada como uma estátua na minha cadeira. — A saúde dele parece não ter sido afetada pelos três anos que passou em Espanha.

— O que o levou a Espanha? — perguntou Anna-Maria, franzindo a testa.

— Ele e o delfim, seu irmão, foram enviados para a corte do Imperador Carlos V como reféns na sequência da derrota de Francisco I na guerra por Milão — respondi-lhe. — Para além disso, o rei também teve de desposar a irmã de Carlos V, Leonor. — Para minha grande deceção, senti o ímpeto infantil de bater com os pés e atirar com o quadro contra a parede oposta do quarto, de fazer uma birra que só revelaria a minha extrema impotência. Combatendo as lágrimas, abanei a mão.

— Guardem o quadro e deixem-me sozinha.

Passei aquela noite em claro, com o olhar perdido no opressivo céu noturno de Florença. Permiti-me chorar tudo o que perdera antes de decidir o rumo que tomaria a minha vida. A minha vida em Itália chegara ao fim. Podia não ser o que eu desejava, mas era o meu destino. Agora, tinha de me preparar e encarar o futuro.

Afinal, eu era uma Médicis.

«Os fãs de Philippa Gregory vão devorar este livro.»

Booklist

Pela voz da própria Catarina de Médicis, C. W. Gortner relata-nos a extraordinária viagem de uma das mais amaldiçoadas, incompreendidas, mas também mais poderosas e controversas mulheres da História. Para uns ela foi uma rainha impiedosa que conduziu França através de uma era de violência sangrenta. Para outros foi uma salvadora apaixonada da monarquia francesa.

Última descendente legítima da ilustre linhagem dos Médicis, foi prometida ainda adolescente a Henrique, filho de Francisco I de França, e enviada de Itália para um reino desconhecido, onde foi ofuscada e humilhada pela poderosa amante do marido, Diana de Poitiers. Perseverante, Catarina lutou por criar o seu papel no reino que lhe pertencia por direito, com uma força e determinação inatas que a transformavam numa mulher notável. Além de uma forte personalidade, Catarina possuía ainda, segundo testemunhos, visões premonitórias, as quais, aliadas à orientação do clarividente Nostradamus, a ajudaram a traçar as linhas do seu destino e da sua família. Mas no seu 40.º aniversário, Catarina enviúva e é deixada sozinha, com seis filhos jovens, como regente de um reino dilacerado pela discórdia religiosa entre católicos e huguenotes e as ambições desmedidas de uma família traiçoeira de nobres, os Guise.

Confiando apenas na sua tenacidade, Catarina toma o poder para garantir o trono dos filhos. Mas para salvar França, ela terá de sacrificar os seus ideais, a sua reputação e os segredos mais profundos de um coração agrilhoado.

Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt

TOP SELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8800-43-5

9 789898 800435

Romance Histórico